



Russell, aos 62, “rola” com Regis Lebre por quase uma hora. “Quero passar adiante a convicção: ‘Sim, eles podem’”.

Russell, at 62, “rolls” with Regis Lebre for nearly an hour. “I want to pass on the belief: ‘Yes, they can.’”

O lutador astronauta

A história da explosão que cegou um jovem, mas com isso abriu um caminho para a excelência na vida e nos tatames

The astronaut fighter

The story of the explosion that blinded a young man, but opened the way to his excellence in life and on the mats

O olhar triste e confuso não nega: Coulther está perdido. Ao traçar uma diagonal no cruzamento das ruas Sexta e Walnut, ele saiu da rota. E, após atravessar a mesma rua algumas vezes, tentando se situar, ele pára na esquina sudoeste do Independence National Historical Park, a poucos metros de onde foi declarada a Independência dos EUA, na Filadélfia. Russell Redenbaugh então assume as rédeas. Escuta os passos de três garotos se aproximando, pergunta onde exatamente estão, e puxa o labrador preto na direção de seu apartamento, uma cobertura com vista para o Rio Delaware, menos de 300 metros adiante.

The sad, confused gaze doesn't lie: Coulther is lost. By cutting diagonally across the crossing at Sixth and Walnut streets, he lost his way. And, after crossing the same road a couple of times, trying to get his bearings, he stops at the southeastern corner of Independence National Historical Park, a few meters from where the Independence of the United States was declared, in Philadelphia. So Russell Redenbaugh takes the reigns. He hears the footsteps of three kids approaching, asks where exactly they are, and pulls the black labrador in the direction of his apartment, a penthouse with a view of the Delaware River, less than 300

Desde que perdeu a visão e parte das mãos numa frustrada experiência, há 40 anos, Russell está acostumado a deixar o orgulho de lado, e pedir ajuda, se necessário. Longe de ter se tornado uma pessoa dependente, como a colocação pode sugerir. O que ele não recusa são empurrões que o coloquem em situação de poder agir por si. Como o simples pedido de informação, ali atrás, quando voltava do treino de Jiu-Jitsu, nesta tarde da primavera de 2007. Ou a necessidade de fazer provas orais, atendida pela Wharton School (escola de administração da Universidade da Pensilvânia), onde concluiu o mestrado com honras em 1969, após ter as portas fechadas em Harvard e Stanford (O currículo é bom, mas não podemos perder tempo com alguém que não vai conseguir emprego, justificou de forma pragmática a famosa escola do Norte da Califórnia).

Ou ainda como a oportunidade dada por um colega de turma, que havia sido contratado por uma pequena empresa, e indicou Redenbaugh, então numa corrida (aparentemente sem chegada) por uma vaga no mercado. O patrão só tinha verba para uma vaga, mas apostou, apertou-se e deu espaço também para Russell, e a Cooke & Bieler, Inc, que ali tinha oito funcionários, se tornou uma próspera firma de investimentos da Filadélfia. Russell já estava empenhado em provar que “adversidade constrói vantagens”,

e a universidade de Stanford soube logo, ao receber uma correspondência do bem-sucedido financista. Dobrada dentro do envelope, a primeira declaração de Russell com rendimentos acima de um milhão de dólares.

Durante a tensa Guerra Fria, a corrida espacial dos anos 1960 foi o capítulo que mais comoveu. Enquanto os Estados Unidos e a União Soviética estavam a ponto de se explodirem, ao cidadão comum restava torcer pela vitória do próprio país nesta romântica, simbólica e pacífica competição. Aos mais ousados, havia a opção de tentar tomar para si a responsabilidade do feito.

Foi assim que o jovem Redenbaugh subiu na moto, deixou sua casa nos subúrbios de Salt Lake City, em Utah, num dia qualquer de 1967, e foi a um laboratório buscar os componentes químicos necessários para produzir o combustível de foguete. Aos confusos atendentes que olhavam a lista, sem encontrar o pedido, o motoqueiro foi veemente: “Isso é problema de vocês; sou só um mensageiro, e preciso pegar meu pedido”. A explosão na garagem, dias depois, foi conseqüência de tal ousadia. Assim como as sete semanas no hospital, ou as 25 cirurgias que Russell sofreu, ao longo dos nove meses seguintes.

“Com cinco meses, e após mais uma operação, veio a notí-

meters ahead. Since losing his sight and part of his hands in a frustrated experiment, 40 years ago, Russell is used to putting his pride aside, and asking for help, when need be. He is not a dependent person, as the previous sentence may suggest. He has no qualms about putting himself in situations where he must act for himself, like the simple request of information, back there, when walking home from Jiu-Jitsu practice, on this spring afternoon in 2007. Nor did he avoid situations like having to take oral exams at the Wharton School of the University of Pennsylvania, where he completed his masters with honors back in 1969, after having the doors to Harvard and Stanford closed to him (The résumé is good, but we can't waste time with someone that won't be able to get a job, justified most pragmatically the famous Northern Californian school). Also, he didn't shy away from the opportunity offered by a classmate hired by a small company, who recommended Redenbaugh, then running the race (seemingly an endless one) for a place in the market. The boss only had funds for one spot, but took a gamble, adjusted the budget and gave Russell a job, and Cooke & Bieler, Inc, then consisting of eight employees, soon became a prosperous Philadelphia investment firm. Russell was already set on proving that “adversity builds advantages,” as Stanford University soon

found out, after receiving a letter from the successful financial expert. Folded in the envelope was Russell's first statement showing income of over one million dollars.

During a tense Cold War, the space race of the 60s was a moving chapter. While the United States and the Soviet Union were at the point of blowing each other to bits, common citizens were left to cheer for their country in this romantic, symbolic and peaceful competition. For the more daring, there was even the option of taking responsibility for achieving the feat on their own shoulders.

That was how the young Redenbaugh decided to get on his motorcycle and left his house in the suburbs of Salt Lake City, Utah, on a day like any other of 1967, and went to a laboratory in search of the chemical components for producing rocket fuel. To the confused attendants looking at the list, without finding the order, the motorcycle boy was vehement: “That's not my problem; I'm just a messenger, and I need to pick up my order.” The explosion in the garage, days later, was the consequence of such brazenness. That as well as the seven weeks in hospital, and 25 surgeries Russell suffered, over the nine months that followed.

“After five months, and yet another operation, came the news: I would never see again,” recalls Russell, raising his shirt and showing the cavity under his ribs, where he laid his right hand at the moment of the accident. The repercussions were much greater than those of Charles, the character in *The Astronaut Farmer*, when the rocket's launch went wrong and it went through, at great velocity, the fences of the ranch in Texas. Although the dreams were similar, Russell was not on the Warner Brothers lot. True stories, though, can be just as incredible as those in the cinema.

Russell's rocket had already flown high and traveled far when it landed in the gymna-



No Brasil, para competir: “Ali, o maior medo já tinha passado”.

In Brazil, to compete: “There, the greatest fear was behind me.”

cia: eu não iria mais enxergar”, lembra Russell, levantando a camisa e mostrando a cavidade abaixo das costelas, onde ele repousou a mão direita em chamas durante o acidente. Suas seqüelas foram muito maiores que as de Charles, personagem de “O Fazendeiro Astronauta”, quando o foguete falhou e atravessou, em alta velocidade, as cercas do rancho no Texas. Embora os sonhos tenham sido parecidos, Russell não estava num estúdio da Warner Bros. As histórias da vida real, no entanto, podem ser tão incríveis quanto as do cinema.

* * *

O foguete de Russell já tinha voado alto e viajado bastante quando ele aterrissou no ginásio do Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 2003. Russell não podia enxergar, mas a audiência estava perplexa e emocionada apenas com a sua participação no Internacional de Masters e Sênior de Jiu-Jitsu. E a surpresa se transformou em demorada salva de aplausos quando, com desenvoltura impressionante, ele desequilibrou Saulo Dias e alcançou a montada, faturando assim a medalha de ouro na categoria Sênior 3 da competição.

O feito aconteceu alguns anos após seu preparador físico, Steve Maxwell, o convencer a vestir o kimono e dar os primeiros passos no aprendizado do Jiu-Jitsu, na academia Maxercise, no mesmo prédio onde agora Russell, aos 62, respira, e pega fôlego para terminar a entrevista, logo após uma sessão de treinos

ininterrupta de 50 minutos com seu professor, o cearense Regis Lebre.

Russell esclarece que durante aquele momento de glória, lá no Brasil, o pior tinha passado. Havia sido bem antes, numa competição interna, meses após começar a treinar. “Na hora pensei que tinha sido a pior idéia da minha vida [se inscrever no torneio], jamais senti tanto medo. Se não fosse tão constrangedor, eu teria desistido”, confessa Russell.

O medo era maior do que o que lhe acometeu após a explosão? “Sem dúvida. Quando soube que não iria mais enxergar, não tive medo. A sensação foi de desespero. Já nas primeiras competições de Jiu-Jitsu, eu tinha medo de me machucar seriamente”, diferencia. Russell tem idéia bastante clara do que o fez superar este medo e continuar a competir nas artes marciais:

“Ninguém, ou pelo menos muito pouca gente, gosta de lutar. Mas há um objetivo maior do que meramente vencer. No meu caso, é algo maior do que eu; lutar é uma forma de eu mostrar para qualquer um que é possível superar qualquer tipo de adversidade”.

O próximo passo é, por meio de uma fundação criada para ajudar deficientes, patrocinar outros atletas e assim multiplicar o lema “adversidade constrói vantagens”. Enquanto se prepara para selecionar os primeiros atletas de seu time, Russell tira o kimono, toma um gole d’água, e desamarra Coulther do banco na beira da área de lutas. É hora de guiar o cãozinho até em casa. **G**

sium of the Tijuca Tennis Club, in Rio de Janeiro, on August 30, 2003. Russell could not see, but the audience was perplexed and moved just for his having participated in the International Master and Senior Jiu-Jitsu Championship. And the surprise turned into a delayed barrage of applause when, with impressive boldness, he threw Saulo Dias off balance and reached the mounted position, thus winning the gold medal in the Senior 3 category of the competition.

The feat happened some years after his physical trainer, Steve Maxwell, convinced him to don the gi and take his first steps as a Jiu-Jitsu apprentice, at the Maxercise gym, in the same building where Russell, now 62, pants, catching his breath to finish the interview, shortly after a training session of 50 uninterrupted minutes with his BJJ teacher, Regis Lebre.

Russell makes it clear that at that glorious moment, down in Brazil, the worst was behind him. It had gone well before, in an internal competition, months after he started to train. “At the time I thought it was the worst idea I ever had [signing up for the tournament], I never felt so

scared in my life. If it hadn't been so embarrassing, I would have quit,” Russell confessed.

Was the fear greater than what you went through after the explosion? “Without a doubt. When I found out I would no longer see, I was not afraid. The feeling was more like... despair. In the first Jiu-Jitsu competitions, I was afraid of seriously injuring myself,” he differentiates. Russell has a very clear idea of what brought him to overcome the fear and continue competing in the martial arts:

“Nobody, or at least very few people, like to fight. But there is something bigger than merely winning. In my case, it is something greater than myself, fighting is a way of passing to the others the belief ‘yes, they can’.”

The next step is, through a foundation created to help the disabled, to sponsor other athletes and thus spread the motto “adversity builds advantages.” As he prepares to choose the first athletes to compose his team, Russell removes his gi, takes a sip of water, and unties Coulther from the bench at the edge of the fight area. It's time to walk the dog home. **G**

anuncio

Com Coulther, voltando do treino: “Mente e corpo devem estar prontos. É preciso paciência e habilidade para agir no momento certo”.

With Coulther, returning from training: “Your body and mind should be prepared to act. One needs patience and the ability to act at the right moment.”

